



Sociedade do Hiperespetáculo: A Essência de Assassinos por Natureza¹

Cibele Abdo Rodella²

Dâmaris Leriane Iori³

Gustavo Bettiol Ferelli⁴

Thais Ribeiro Gomes⁵

Resumo

Pretende-se com o presente artigo analisar o filme “Assassinos por Natureza”, contribuindo na elucidação das formas de dominação ideológica presentes na cultura da mídia. A partir dos estudos do culturalismo crítico, percebeu-se que a influência da mídia na sociedade pode tanto contribuir para o estabelecimento de formas de dominação hegemônicas como de resistência. Busca-se a identificação da linha ideológica seguida pelo filme. Para tanto, foram utilizados fragmentos de estudos e teses de Guy Debord, Juremir Machado da Silva, Douglas Kellner e Derrick de Kerckhove.

Palavras-chave

1. Cultura da mídia 2. Dominação 3. Espetacularização 4. Hiperespetáculo 5. Resistência.

Introdução

O filme “Assassinos por Natureza”, escrito por *Quentin Tarantino* e dirigido por *Oliver Stone*, trata da temática da ultraviolência e da superexposição e manipulação da opinião pública através da mídia. A escolha do filme deve-se ao fato deste reproduzir

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina, coordenadora dos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo do Cesumar, orientadora do presente artigo.

³ Acadêmica do 4º ano de graduação do curso de Publicidade e Propaganda, do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR.

⁴ Idem.

⁵ Ibidem.



valores da sociedade pós-moderna - alienada e entorpecida pelos efeitos massivos de controle da mídia.

Por meio de leituras embasadas nos estudos críticos da cultura da mídia de *Douglas Kellner*; na tese 4 de *Guy Debord* e nas reflexões do hiperespetáculo de Juremir Machado da Silva - que apresentam reflexões sobre a cultuação e o bombardeio de imagens por meio da mídia – foi possível realizar um estudo crítico acerca do filme em questão. A escolha do tema se deu devido aos estudos, relativamente recentes, referentes ao modelo atual das relações sociais constituídas com bases na comunicação de massa. Percebe-se também pelos estudos dos autores, que atualmente a imagem vem sendo cultuada pela sociedade pós-moderna, que agora também participa da espetacularização da vida cotidiana. Além do mais, estes assuntos vêm sendo assiduamente discutidos no âmbito acadêmico.

Preferimos utilizar o meio cinematográfico de comunicação. Pois os produtos cinematográficos se apropriam de cortes rápidos, constantes mudanças de cena, falas e gestos dinâmicos que acarretam em uma reação irrefletida do espectador. Este necessita manter-se atento para essas mudanças e, conseqüentemente, não obtém tempo necessário para refletir e manifestar uma resposta “consciente” às imagens que recebe. O corpo apenas reage aos estímulos audiovisuais. A partir disto, *Kerckhove* (1997) demonstra a submissão e a vulnerabilidade em que o espectador acaba se encontrando, em primeira instância, frente aos meios de comunicação de massa, e então, como estes influenciam no imaginário e no comportamento social.

Espera-se contribuir com a conscientização da importância da mídia na construção e manutenção da forma de organização e de relações na sociedade. Auxiliando na identificação e na construção de um senso crítico do público, frente aos produtos ideológicos da Indústria Cultural apresentados no filme aqui analisado.

A seguir, parte-se para uma apresentação, baseada na bibliografia utilizada, dos conceitos ideológicos – ideologia como “formas simbólicas a serviço do poder” - segundo *Thompson* (2001), apresentados pela mídia e da utilização dos mesmos no filme “Assassinos por Natureza”, buscando identificar se este serve à conquista de maior poder da mídia, ou se desenvolve uma estrutura de resistência à dominação.

Lutas midiáticas pelo controle social: Assassinos por natureza ou alienados por “natureza”?



O filme “Assassinos por Natureza” gira em torno do encontro do casal nada convencional, *Mickey* (*Woody Harrelson*) e *Mallory Knox* (*Juliette Lewis*). O que os torna tão peculiares é a sede por sangue e morte. *Mickey*, quando criança fôra espancado por seu pai alcoólatra; e *Mallory*, molestada pelo pai, ainda sofre abandono por parte de sua mãe. Encontram-se por acaso, e começam a namorar. Em seguida, *Mickey* é preso por roubo de carros.

A molestação de *Mallory* aumenta por parte de seu pai. Na prisão, em um dia trivial, acontece repentinamente um tornado na área da penitenciária – a oportunidade perfeita para uma fuga. E é isso que *Mickey* faz: escapa da prisão e vai direto ao encontro de sua amada. *Mickey*, com o auxílio de *Mallory*, mata os pais dela, e em seguida os dois fogem.

A reputação do casal cresce de acordo com o número de assassinatos que vão cometendo. O frenesi do público, influenciado pelo sensacionalismo exacerbado da mídia, chega ao ponto de transformá-los em celebridades, em espetáculo. Após um assassinato desnecessário, como tantos outros, *Scagnetti* (*Tom Sizemore*), um egocêntrico e maníaco policial começa a perseguí-los por todo o estado. Depois de um desafortunado encontro do casal com um índio, *Mickey* acaba por matá-lo. Durante a fuga, o casal é picado por cobras venenosas, fato que os coloca à beira da morte. A situação se agrava e eles são obrigados a procurar por socorro em uma farmácia. Ao reconhecer os assassinos pela televisão, o funcionário do estabelecimento aciona o alarme e *Scagnetti*, acompanhado de vários policiais, acaba prendendo-os. O casal é detido em uma penitenciária de segurança máxima, onde aguardam o julgamento em celas separadas. O dia do julgamento é o mais aguardado pelos fãs – que são muitos e espalhados por vários países - e pela mídia sedenta por sensacionalismo. Nesse momento o filme enfatiza a dimensão da popularidade dos assassinos em razão da exposição à mídia, pois na entrada do tribunal, milhares de fãs os aguardam com cartazes e palavras de apoio.

Paralelamente a tal acontecimento, o apresentador *Wayne Gale* (*Robert Downey Jr.*) do programa “Americanos Maníacos”, um rato da mídia, os persegue em busca da matéria perfeita. A sentença é decretada e *Mickey* é condenado a perecer em um instituto psiquiátrico. *Wayne Gale* consegue então sua maior oportunidade: uma entrevista exclusiva com *Mickey Knox*, dentro do presídio, televisionada logo após o *Super Bowl* (final do campeonato de futebol americano considerado o período de maior audiência norte-americana do ano), na véspera de sua internação.



Após uma intensa entrevista, os presidiários, inflamados pelo depoimento de *Mickey*, transmitido internamente no local, se revoltam e explode uma rebelião. *Mickey* consegue, com sua malandragem, escapar e matar os policiais do presídio que fazem a escolta durante a entrevista. Em seguida, ele pede para *Wayne Gale* e equipe segui-lo com a câmera em punho, transmitindo ao vivo toda a confusão dentro do presídio. *Mickey* se dirige até a cela de *Mallory*, que por sua vez está brigando com *Scagnetti*. *Mickey* luta com *Scagnetti*, ao vivo para todo o globo, e *Mallory* acaba matando-o. Enfim juntos, eles precisam fugir, e para isso tomam o apresentador como refém (segurança de que os policiais não tentarão nenhuma manobra que resultaria na morte do apresentador). No meio da fuga, *Wayne Gale* se vê na necessidade de se proteger e com uma arma cedida por *Mickey*, começa a matar os rebelados e inclusive, policiais.

Numa conturbada e sangrenta fuga, *Mickey* e *Mallory* saem do presídio juntamente com o apresentador, pela porta da frente. Ao verem que não precisam mais dele, o casal avisa-o de sua morte, ao passo que o apresentador do programa de TV começa a argumentar que a dupla sempre deixa uma pessoa viva para contar a história, mas a réplica é um soco no estômago: a câmera é a que sobreviveria como testemunha. Por fim, *Wayne Gale* acaba sendo morto ao vivo, e o casal escapa sem deixar rastros.

O filme de título original: “*Natural Born Killers*”, tem duração de 119 minutos, é do gênero drama, e foi lançado nos Estados Unidos em 1994, com orçamento de 50 milhões de dólares, distribuído pela *Warner*. Foi dirigido por *Oliver Stone*; com roteiro de *David Veloz*, *Richard Rutowski* e *Oliver Stone*; baseado na estória de *Quentin Tarantino*.

“Assassinos por Natureza” recebeu duas indicações ao *MTV Movie Awards* e ganhou o Prêmio Especial do Júri e o Prêmio *Pasinetti* de Melhor Atriz (*Juliette Lewis*), no festival de Veneza⁶.

Outras curiosidades do filme, segundo pesquisa⁷: a entrevista de *Mickey* na cadeia foi inspirada na entrevista real de *Charles Manson* – assassino da atriz *Sharon Tate*, esposa de *Roman Polanski* (cineasta) - na prisão; em seu ano de lançamento, o filme foi proibido de ser reproduzido nos cinemas da Irlanda. Anos mais tarde foi obtida uma liminar judicial que autorizou a exibição do filme; o senador republicano *Bob Dole*, denunciou o filme por promover a violência. Posteriormente, o próprio admitiu jamais

⁶ Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/assassinos-por-natureza/assassinos-por-natureza.asp> (Blog Adoro Cinema - Um lugar para conversar sobre cinema).

⁷ Idem.



ter assistido ao filme; os produtores de “Assassinos por Natureza” foram processados nos Estados Unidos pelo fato de um casal ter visto o filme antes de cometer um crime, sob efeito de LSD. Uma das vítimas alegou que o filme os havia inspirado a cometer o crime.

A história do filme, em sua essência, é trágica. Porém sua narrativa se desenvolve através de uma linguagem que incita a um clima de tragédia cômica e irônica. Nas cenas de maior dramaticidade, são inseridos elementos audiovisuais que satirizam e amenizam as cenas violentas. Estes elementos se inserem na narrativa através de uma montagem de cenas em forma de show, de espetáculo. Nos momentos violentos, pode-se ouvir o agitar da “platéia” (gritos, risadas e palmas), como em um programa televisivo de modelo norte-americano. Por vezes também, pode-se observar em algumas cenas, um pano de fundo de delírios e memórias surrealistas que parecem ser oriundas da mente dos protagonistas. Em uma cena que retrata o programa “Americanos Maníacos”, por exemplo, surge na tela em uma fração de segundos, o apresentador caracterizado como figura demoníaca, lambuzado de sangue.

Esse efeito de inserir cenas em poucos *frames* de segundo é uma técnica utilizada pela televisão e pelo cinema para provocar no telespectador uma reação corporal, e não mental. Segundo *Kerckhove* (1997, p. 38- 39), a imagem televisiva fala, primeiramente, ao corpo e não à mente. A televisão, segundo ele, é hipnótica e envolvente, e atrai instantaneamente nossa atenção, fazendo com que respondamos, involuntariamente, a todos os tipos de estímulos internos e externos. *Kerckhove* (1997, p. 40-41), fala que quando assistimos à televisão, o tempo ofertado para processar as informações transmitidas é insuficiente para a produção de uma resposta totalmente completa e consciente. O espectador é conduzido, cena a cena, imagem por imagem, e devido ao ritmo frenético, acaba por desistir de formular classificações mentais, reagindo apenas fisiologicamente. O que temos, segundo o autor, é a falta de reflexão do conteúdo absorvido. Este efeito de falta de conclusão refletida é chamado de “a síndrome do meio segundo que falta” (*Sturm apud Kerckhove*, 1997, p. 41). Esta teoria, afirma que a mente humana leva, no mínimo meio segundo, para gerar uma resposta correta a um estímulo complexo. No frenesi do ritmo televisivo e também do cinema, falta este tempo ao telespectador. No filme, essa teoria se apresenta em um diálogo entre o apresentador *Wayne Gale* e seu editor: “Repetições funcionam, repetições funcionam. Acha que aqueles zumbis idiotas lembram-se de algo? É *fast-food* para o cérebro”. E



además, quando se encerra a entrevista com *Mickey Knox*, *Wayne Gale* reafirma parabenizando-o pela entrevista: “Todos os idiotas do mundo viram isso”.

A década de lançamento do filme, anos de 1990, é marcada, segundo *Kellner* (2001, p. 25-31), pela queda do muro de Berlim – colapso do comunismo soviético e o fim da Guerra Fria, que vão dar início a guerras nacionalistas e religiosas. Ao mesmo tempo, ainda segundo o autor, (*Kellner*, 2001, p. 26), surgem as novas tecnologias de informatização que vieram a reestruturar a forma organizacional da sociedade e suas formas de relação.

Estes acontecimentos, apesar de não apresentados diretamente no filme, tecem uma ligação indireta com o mesmo, ao apresentar a influência e o controle dos meios de comunicação exercidos no público, e conseqüentemente, o surgimento de forças de resistência à dominação.

É necessário atentar-se ao discurso da mídia, pois nem sempre a um primeiro momento é possível identificar se ele caracteriza-se como ideologia. No filme é possível identificar três momentos distintos que vão caracterizar a batalha da dominação midiática versus resistência: a primeira vista, nota-se uma apologia à violência gratuita praticada pelo casal protagonista, como uma maneira de se rebelar e exprimir revolta ao modelo convencional da sociedade. Entretanto, num segundo momento, revela-se o interesse de *Mickey* e *Mallory* de serem reconhecidos por seus crimes, aparecendo na mídia. Essa vontade é exprimida por meio do ato de assassinar várias pessoas e sempre deixarem uma vítima viva para difundir a estória. Isso revela um paradoxo, do qual *Juremir Machado* (2007) chama a atenção em suas reflexões acerca do hiperespetáculo, em que ao mesmo tempo em que se tenta fugir da manipulação midiática, passando pela servidão voluntária, alcança-se um momento de total imersão, não conseguindo sair dele. O casal é fruto dessa sociedade alienada e aficionada ao hiperespetáculo, por isso, o público apenas cultua e digere celebridades emergentes, sem parar para desenvolver o senso crítico - assim como é mostrado no filme, faz-se de dois assassinos em potencial, celebridades mundialmente conhecidas. Até porque, tal hiperespetacularização da vida, é um eterno vazio, do qual não se tem nada para pensar a respeito, apenas absorver imagens midiáticas.

Há uma transição do segundo para o terceiro momento do filme – na qual os protagonistas vão passando de meros ícones da mídia para se tornarem a própria personificação midiática, agora, gostando de tal fato – transição fundamentada na mudança do espetáculo de *Guy Debord* (1997) caracterizado pela disseminação de



imagens do mundo, para o hiperespetáculo de Juremir Machado, no qual o público projeta uma imagem de si no próprio casal, ou seja, a própria definição da hiperespetacularização.

Um diálogo marcante do filme que ilustra essa projeção da imagem dos fãs no casal é quando jovens são entrevistados nas ruas e afirmam: “nós somos a favor da vida, mas se eu fosse um assassino, seria como *Mickey*”.

O terceiro momento se caracteriza pela total imersão e rendição dos protagonistas à mídia. Isto fica claro no momento em que *Mickey* se prepara em sua cela para aparição em rede nacional, ele raspa o cabelo e acena para um público imaginário de fãs enlouquecidos. O casal foge do presídio carregando consigo o apresentador – que até então aparenta ser a personificação da mídia -, porém no desfecho do filme, a morte do apresentador e permanência da câmera transmitindo sua execução ao vivo, revela ao público que de fato *Wayne Gale* era apenas um veículo (intermediário) da mídia, e que categoricamente, a mídia sempre viveu no casal protagonista devido à hipervalorização de sua imagem, portanto, midiático é o casal.

Dessa maneira, seguindo os estudos de *Kellner* (2001) dá-se a dominação da cultura da mídia - a qual agrega valor às imagens e produz modelos de comportamentos a serem seguidos - com o desfecho do filme, onde o casal sobrevive e se sai bem, constituindo uma família. O filme incentiva a exposição midiática, o espetáculo como construto da identidade dos personagens. “Sem sermos vistos nada somos” emana o filme como um mantra.

Considerações finais

Tomando partida de todas as reflexões fomentadas acima - tanto dos autores trabalhados, quanto das análises obtidas através destes estudos – identifica-se reflexivamente, que o casal protagonista do filme é, mesmo que de início imperceptível, as manifestações de lutas de dominação e resistência da própria mídia. Através de *Mickey* e *Mallory*, assumindo a personificação da mídia, percebe-se que, assim como o final do casal, a mídia segue o mesmo rumo, ou seja, ileso e invencível, apesar de todas as tentativas de resistência a ela. Ao mesmo tempo em que o filme incentiva a visibilidade, faz uma crítica a esta. Sua linguagem em forma de espetáculo encerra uma crítica, e não um incentivo à espetacularização da violência.



Esta percepção é passível de analogia com a vivência real da dominação da mídia. Esta, por sua vez, influencia e molda comportamentos, agindo como uma formadora de opinião que possui crédito e veracidade perante a massa. Portanto, é necessário atentar-se à programação exibida na TV e o conteúdo de filmes, visto que os telespectadores – embora não recebam a informação passivamente (*Thompson, 2001*) – são influenciados em diferentes níveis. Até a atualidade, assistimos o advento das mais diversas teorias com variados intuitos pertencentes ou à dominação ideológica através da mídia, ou à resistência a esta dominação. A situação atual demonstra a existência de um aumento significativo de lutas contraculturais que se opõem ao controle social através da comunicação e da publicidade, porém e apesar de todos estes fatos, a classe dominante continua a deter o poder da cultura midiática, a produção de bens da Indústria Cultural e de novas tecnologias.

As lutas políticas travadas no âmbito midiático visam à manutenção do poder da Indústria Cultural, portanto, mesmo que haja resistência por parte de alguns telespectadores, a grande maioria destes já está submersa aos apelos e bombardeios de imagens veiculados pelos meios de comunicação.

Conquistar um espaço midiático mais multicultural, menos preconceituoso, mais maleável, menos alienador, com maior conteúdo útil e com menos pretensão de hegemonia política cultural, econômica, social e histórica, tem sido o sonho alucinante e carregado de cólera de todas as gerações minoritárias da modernidade e, acredita-se, da pós-modernidade.

Referências bibliográficas

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

SILVA, Juremir Machado da. **Depois do espetáculo (reflexões sobre a tese 4 de Guy Debord)**. Porto Alegre, RS: Revista Famecos n° 32, abril de 2007 – Quadrimestral.

THOMPSON, John B. **Mídia e a Modernidade: uma Teoria Social da Mídia**. Petrópolis: Vozes, 3ª ed. 2001.



Blog AdoroCinema. In: <http://www.adorocinema.com.br/filmes/assassinos-por-natureza/assassinos-por-natureza.asp>. Acessado em 03/10/2008.

Filme: Assassinos por Natureza (Natural Born Killers), 1994, Alcor Films / Ixtlan Productions, EUA. Produtor: **Jane Hamsher, Don Murphy e Clayton Townsend**, Direção: **Oliver Stone** e Roteiro: **David Veloz, Richard Rutowski e Oliver Stone**, baseado em estória de **Quentin Tarantino**.